

REFLEXÃO SOBRE DIFERENTES CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO BILÍNGUE

REFLECTION ON DIFFERENT CONCEPTIONS OF BILINGUAL EDUCATION

REFLEXIÓN SOBRE DIFERENTES CONCEPCIONES DE EDUCACIÓN BILÍNGUE

*Janaina da Silva CARDOSO**

*Juliana COUTINHO***

*Vania Santana Carvalho de OLIVEIRA****

Resumo: Até pouco tempo, o ensino bilíngue era destinado aos poucos que podiam pagar por escolas de elite. Porém, nos últimos anos, surgem os projetos públicos bilíngues, e cresce o número de escolas particulares que se intitulam bilíngues. No entanto, o conceito do que seria educação bilíngue não parece estar totalmente claro, principalmente para aqueles que são mais envolvidos no processo: educadores, alunos e seus responsáveis. Sendo assim, o objetivo deste estudo é refletir sobre o conceito de bilinguismo, levando em consideração uma revisão da literatura sobre o tema, e analisando os resultados de uma pesquisa com um grupo de professores de idiomas, que apresentam suas concepções sobre o que seria “educação bilíngue, e suas opiniões em relação a viabilidade da aplicação de tal modelo na rede pública e privada. Pelo resultado, é possível perceber que o conceito ainda se apresenta difuso, mesmo para os educadores que atuam em projetos bilíngues.

Palavras-chave: Educação bilíngue; Bilinguismo; Ensino-aprendizagem de idiomas; Escolas bilíngues.

Abstract: Until recently, bilingual education was aimed at the few who could afford to pay for elite schools. However, in recent years, bilingual public projects have emerged, and the number of private schools calling themselves bilinguals has grown. Yet, the concept of what would be bilingual education does not seem to be totally clear, especially for those who are more involved in the process: educators, students and their parents. Therefore, the purpose of this study is to reflect on the concept of

* Doutora em Estudos da Linguagem, pela Universidade Federal Fluminense; Mestre em Língua Inglesa pela UFF; Professora Associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Contato: janascardoso1@gmail.com.

** Mestre em Linguística, pela UERJ, e Professora do Projeto Bilingue do Instituto GayLussac. Contato: julianavcouthino.uerj@gmail.com.

*** Mestre em Linguística, pela UERJ; Professora da Escola Estadual Bilingue Carlos Drummond de Andrade. Contato: vsc_06@hotmail.com.

bilingualism, considering a review of literature on the subject, and analyzing the results of a research with a group of language teachers, presenting their conceptions about what would be "bilingual education", and their opinions regarding the feasibility of applying such a model to public and private schools. Based on the result, it is possible to perceive that the concept still diffuses, even for educators working on bilingual projects.

Keywords: Bilingual education; Bilingualism; Language teaching and learning; Bilingual schools.

Resumen: Hasta poco tiempo, la enseñanza bilingüe estaba destinada a los pocos que podían pagar por escuelas de élite. Sin embargo, en los últimos años, surgen los proyectos públicos bilingües, y crece el número de escuelas particulares que se titulan bilingües. Con todo, el concepto de lo que sería educación bilingüe no parece estar totalmente claro, principalmente para aquellos que más participan en el proceso: educadores, alumnos y sus responsables. Por lo tanto, el objetivo de este estudio es reflexionar sobre el concepto de bilingüismo, teniendo en cuenta una revisión de la literatura sobre el tema, y analizando los resultados de una investigación con profesores de idiomas, que presentan sus concepciones sobre lo que sería "educación bilingüe", y sus opiniones con relación a la viabilidad de la aplicación de tal modelo en la red pública y privada. Por el resultado, es posible percibir que el concepto todavía se presenta difuso, incluso para los educadores que actúan en proyectos bilingües.

Palabras clave: Educación bilingüe; bilingüismo; Enseñanza-aprendizaje de idiomas; Escuelas bilingües.

*Educar não é apenas um ato de conhecimento, é também um ato
político (CELANI, 2001, p. 26).*

Introdução

Crianças estudando línguas estrangeiras não é novidade, inclusive há muitos estudos sobre a *teoria da idade crítica* (CHAIKA 2008), que afirma que quanto mais cedo se começar a estudar uma segunda língua, mais chances de sucesso no aprendizado. A novidade está no perfil dos alunos que passam a frequentar escolas bilíngues. No passado, apenas um pequeno grupo de alunos, geralmente os mais ricos frequentavam escolas, mas atualmente cresce o número de escolas bilíngues (ou ditas bilíngues), tanto na rede privada como na rede pública.

A Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro, com o programa *Dupla Escola*, lançou a primeira escola bilíngue (português-inglês) pública em janeiro 2014. Atualmente, o programa engloba

escolas que trabalham com as línguas espanhola, francesa e mandarim. O município do Rio de Janeiro lançou o projeto *Rio Criança Global*¹ em 2009, que intensificou o ensino de inglês em todas as escolas municipais e criou cerca de cinco escolas bilíngues piloto, sendo que uma trabalha com espanhol e as demais com inglês².

Embora a demanda por ensino de idiomas para crianças cresça cada vez mais, faltam pesquisas sobre o assunto. Nem todos os estudiosos concordam com a teoria da idade crítica (CHAIKA 2008). Como afirma Rajagopalan (2010), o debate sobre a idade ideal para iniciar os estudos de um segundo idioma é no mínimo ambíguo. Geralmente, as crianças estão sendo estimuladas pelos pais, pessoas que acreditam que estão dando aos seus filhos as melhores chances de sucesso futuro no mercado de trabalho. No entanto, crianças são crianças e, para elas, o futuro é algo bem distante. Segundo Rajagopalan (2010, p. 10), deveríamos nos colocar no lugar destas crianças, “e, na medida do possível, pensar a questão com os recursos disponíveis em seu universo.” Antes de mais nada há de se perguntar se é justificável este trabalho e se é realmente motivador para a criança. Johnstone (2009) (citado em ROCHA; TONELLI; SILVA 2010, p.16) também acredita que nem sempre “quanto mais cedo melhor. Para ele, o planejamento e, principalmente, a alocação de recursos são fundamentais, para o sucesso”.

É necessário estabelecer critérios para que uma escola seja considerada bilíngue, e estudar mais profundamente o processo de aprendizagem de línguas na fase infantil. Faltam pesquisas que auxiliem na formação de professores para esta realidade, capazes de elaborar currículos e desenvolver metodologias focadas neste público. Para que a universidade possa formar estes educadores, precisa antes conhecer esta nova realidade. Precisa desenvolver mais pesquisas sobre educação bilíngue e precisamos levar esta reflexão para os cursos de graduação e de formação continuada. Como bem menciona Silva (2010, p. 313):

¹ Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/educacao/educacao-360/a-experiencia-das-escolas-bilingues-na-rede-publica-do-rio-13847095.html>>. Acesso em: 30 maio 2018.

² O número de escolas desses projetos tem aumentando continuamente e outras línguas estão sendo oferecidas, como o alemão.

[...] atuar na educação bilíngue infantil não é tarefa fácil, uma vez que se trata de uma área relativamente nova, que não encontra respaldo nos cursos de formação de professores oferecidos pelas universidades do país.

Nossa ideia com essa pesquisa de natureza qualitativa é conhecer melhor o contexto da educação bilíngue, e como este tipo de educação é vista por professores de idiomas. Para tanto, começamos com uma revisão de literatura, buscando delimitar os conceitos de *bilinguismo* e de *escola bilíngue*. Em seguida, apresentamos os resultados de uma pesquisa realizada com professores de idiomas, sobre suas concepções e opiniões sobre “educação bilíngue”.

Tipologia de bilinguismo e o mito do monolinguismo

A literatura que discorre sobre as definições de bilinguismo apresenta muitas variações. Utilizando a diferenciação apresentada por Krashen (1988) entre “aquisição” e “aprendizagem”, muitos consideram indivíduos bilíngues apenas aqueles que vivem ou já viveram em algum tipo de imersão, e desempenham fluentemente mais de uma língua.

Em um estudo que reúne alguns postulados sobre o tema, Megale (2005) aponta que definições de bilinguismo seriam amplas e difíceis de conceituar, e ainda, as classificações utilizadas até hoje partem de concepções unidimensionais - definem o indivíduo bilíngue apenas em termos de competência linguística. Já as concepções multidimensionais não apenas são embasadas nas teorias de comportamento linguístico, mas também levam em consideração noções oriundas da psicologia, sociolinguística, sociologia e linguística. (HARMERS; BLANC 2000; MEGALE 2005). O bilinguismo é um fenômeno complexo e deve ser estudado como tal, levando em consideração variados níveis de análises: individual, interpessoal, intergrupal e social.

Na tabela abaixo, Megale (2005, p. 6) sintetiza as diferentes categorias de bilinguismo segundo Harmers e Blanc (2000, 26), demonstrando o quanto essa classificação é complexa quando se analisa o fato partindo de diferentes contextos e critérios:

Tabela 1 – Dimensões de bilinguismo de Harmers

Dimensões	Denominação	Definição
Competência Relativa	Bilinguismo balanceado	$L1=L2^3$
	Bilinguismo Dominante	$L1>L2$ ou $L1<L2$
Organização Cognitiva	Bilinguismo Composto	1 representação para 2 traduções
	Bilinguismo Coordenado	2 representações para 2 traduções
Idade de Aquisição	Bilinguismo Infantil:	L2 adquirida antes dos 10/11 anos
	Simultâneo	L1e L2 adquiridas ao mesmo tempo
	Consecutivo	L2 adquirida posteriormente a L1
	Bilinguismo Adolescente	L2 adquirida entre 11 e 17 anos
	Bilinguismo Adulto	L2 adquirida após 17 anos
Presença da L2	Bilinguismo Endógeno	Presença da L2 na comunidade
	Bilinguismo Exógeno	Ausência da L2 na comunidade
Status das línguas	Bilinguismo Aditivo	Não há perda ou prejuízo da L1
	Bilinguismo Subtrativo	Perda ou prejuízo da L1
Identidade Cultural	Bilinguismo Bicultural	Identificação positiva com os dois grupos
	Bilinguismo Monocultural	Identidade cultural referente a L1 ou a L2
	Bilinguismo Acultural	Identidade cultural referente apenas a L2
	Bilinguismo Descultural	Sem identidade cultural

Fonte: (MEGALE, 2005, p. 6)

No Brasil, por exemplo, a forte imposição da língua portuguesa acendeu o mito que somos um povo monolíngue. No entanto, sabemos que no território brasileiro encontram-se centenas de línguas que já se extinguiram e que são extintas dia após dia, desde a colonização portuguesa. Existem as línguas indígenas, línguas de migrantes que percorrem em pequenas comunidades, e até dialetos trazidos de outros países que só existem aqui. Contudo, ainda se insiste em dizer que nos comunicamos na mesma língua do Oiapoque ao

³ L1 = Língua materna e L2 = Língua adicional ou segunda língua

Chuí. Embora tenhamos apenas uma língua oficial, o povo brasileiro pode sim ser considerado multilíngue (CARDOSO, 2017).

Tipos de instituições de ensino de línguas adicionais (busca por uma definição de Escola Bilingue)

Trazendo esta discussão para o âmbito educacional, o bilinguismo é uma questão ainda mais complexa e relativa. Muito se discute sobre as denominações cabíveis às instituições que oferecem ensino de línguas adicionais (LA). Este, sendo praticado em diversas partes do mundo, varia sua estrutura de acordo com os aspectos culturais locais, objetivos e o perfil dos alunos. Tão logo, as definições e abordagens também sofrem bastantes variações.

Temos vivenciado uma tentativa de diferenciação entre aulas de inglês, escolas de idiomas, escola bilíngues e ainda escolas internacionais. Como não há especificações legais, alguns programas que oferecem aulas de LA⁴, com um ou dois tempos de aula semanais, se intitulam bilíngues, na tentativa de fazer *marketing* quanto à qualidade deste ensino. Ora, definir ensino bilíngue é algo tão complexo quanto definir o bilinguismo, como já foi exposto anteriormente no estudo de Megale (2005). No entanto, tentaremos esclarecer algumas diferenças entre tais nomenclaturas, tomando como base Marcelino e Cortez (2011).

- **A aula de inglês na escola regular e na escola de idiomas –** Nestes ambientes, o foco da aula é o ensino da língua alvo. As abordagens podem ser variadas, das mais focadas na competência comunicativa às mais centradas nas estruturas linguísticas e aquisição de vocabulário. Podem contemplar as quatro habilidades ou focar apenas em uma específica, com é o caso da abordagem instrumental (ou LINFE⁵). Geralmente, há a adoção de materiais específicos e de avaliações padronizadas, que focam nas competências linguísticas e/ou comunicativas. Normalmente, o tempo de aulas varia entre 100 minutos a 4 horas semanais. Em geral, os professores não têm uma visão

⁴ LA = Língua adicional, segunda língua.

⁵ LINFE – Línguas para fins específicos.

geral do aluno, uma vez que a instituição estabelece uma relação de prestador de serviço e clientes.

- **O ensino bilíngue** – A língua alvo passa a ser ferramenta para o ensino de outras disciplinas. A língua alvo pode ser utilizada 100% do tempo ou apenas para algumas disciplinas, não havendo legislação para pautar esta dinâmica. A educação bilíngue tem como um dos seus estandartes a promoção do respeito às diferenças de outras culturas. Há uma interação maior com a família do que em escolas de idiomas e o ensino é voltado para a formação da ética e conteúdos na formação do aluno.
- **A escola internacional** – Sua justificativa inicial é oferecer ensino para crianças estrangeiras. Estas têm opção de seguirem currículo, calendário e utilizam a língua de um país específico, ou seguir critérios mistos do país onde se encontram. Devido a grande preocupação das famílias que seus filhos sejam fluentes em uma LA, brasileiros têm aderido a estas instituições em números cada vez maiores. No entanto, assim como a escola bilíngue, este tipo de ensino é um privilégio para uma pequena parcela da sociedade. (Escolas Internacionais no Brasil⁶).

Metodologia de pesquisa

Este estudo de abordagem qualitativa, é composta de duas partes. A primeira é uma pesquisa bibliográfica, buscando delinear o conceito de bilinguismo e de educação/escola bilíngue. Enquanto a segunda parte, busca conhecer diferentes percepções de professores em relação ao conceito de educação bilíngue. Para tal, foi realizada uma entrevista informal composta de perguntas abertas que foram encaminhadas por uma rede social. A pesquisa adota um processo ação-reflexão-ação Bortoni-Ricardo (2008, p. 48). O interesse pela pesquisa surge da prática de sala de aula. No caso, dois pesquisadores que são atuam em escolas bilíngues e o terceiro orienta professores-pesquisadores interessados no tema. E espera-se que o resultado da

⁶ Disponível em: <<http://www.sk.com.br/sk-intsch.html>>. Acesso em: 11 out. 2017.

pesquisa possa influenciar as ações destes professores pesquisadores e de outros professores. Para a análise das respostas, utilizaremos o modelo de Bortoni-Ricardo (2008) de síntese pelas asserções.

O instrumento

O principal instrumento do estudo foi um questionário com quatro perguntas, enviado a nove pessoas pelo *Whatsapp*, que receberam a opção de responder pelo próprio *Whatsapp* ou por e-mail. Ficou acordado que os nomes dos entrevistados não seriam revelados. Foi pedido que não elaborassem muito as respostas, para manter como uma entrevista mais informal:

- Em sua opinião o que é educação bilíngue?
- Você acha que trabalha com educação bilíngue? Por que (não)?
- É possível trabalhar com educação bilíngue em escolas públicas? Por que (não)? Consegue lembrar de alguns exemplos.
- É possível trabalhar com educação bilíngue em escolas particulares? Por que (não)? Consegue lembrar de alguns exemplos.

Das nove professoras entrevistadas, cinco responderam por *Whatsapp*, duas por e-mail e duas não responderam. Como todas as participantes são do sexo feminino, daqui em diante, usaremos o feminino para nos referir a elas.

As participantes

Todas as participantes da pesquisa são professoras de inglês, que trabalham em diferentes instituições: quatro trabalham em escolas consideradas bilíngues (sendo duas públicas e duas particulares). Sendo que um desses casos disse que embora a escola se intitule bilíngue, não é de fato. Quanto às demais, uma trabalha em curso de idiomas, e as outras em escolas de ensino médio. Todas que trabalham com escolas consideradas bilíngues trabalham com educação infantil ou ensino fundamental (com alunos com menos de 11 anos).

Com este estudo buscamos responder às seguintes perguntas:

- Quais as concepções de diferentes professores de línguas em relação à educação bilíngue?

- Qual a opinião destes professores em relação a se desenvolver educação bilíngue nas redes públicas e privadas? Conhecem o trabalho que já vem sendo desenvolvidos com educação bilíngue?
- Quais os principais desafios em se trabalhar com educação bilíngue?

Resultados

Como mencionado anteriormente, para a coleta de dados, usaremos o modelo de BORTONI-RICARDO (2008), para organização de dados por asserções. Ou seja, gruparemos ideias idênticas, que nos ajudarão a responder as questões da pesquisa, em asserções, para facilitar a análise de dados.

Asserção 1: Há diferentes concepções quanto ao que seja educação bilíngue

As respostas abaixo têm em comum o fato de mencionarem que a educação bilíngue como uma maneira de desenvolver duas línguas ao mesmo tempo, com foco na aquisição da linguagem.

P1: A educação bilíngue na minha opinião representa a integração de dois códigos de forma simultânea visando uma plena aquisição da linguagem para um indivíduo.

P2: Em minha opinião, mais do que dominar dois idiomas seria transformar uma maneira de pensar.

P5: É uma educação que faz com que o aluno domine duas línguas fluentemente ao final do ciclo escolar.

P2 menciona a aquisição dos dois idiomas, mas vai além, afirmando que há uma transformação na maneira de pensar, como se ao entrar em contato com uma outra língua, se passe a entender o mundo de forma diferente. Reparem também o uso do “dominar” por P2 e P5.

Reparem que no exemplo abaixo, o ensino foca nas outras disciplinas e as duas línguas passam a ter uma função instrumental, isto é, são usadas apenas como meios e não como o fim do processo de aprendizagem.

P4: É o ensino de vários assuntos em duas línguas, uma materna e outra estrangeira.

Nas duas próximas falas, percebemos que como na anterior o foco é no aprendizado de outros conteúdos, mas diferentemente da anterior, só mencionam a língua alvo.

P3: Educação bilíngue é o ensino de todas as matérias por meio de uma língua estrangeira ou adicional.

P6: Pra mim é qdo toda educação formal ofertada ao estudante pelo estabelecimento de ensino acontece em outra língua que não a materna

Não fica claro nestas definições como (e se) a língua materna será trabalhada. Parece que ela é menos importante ou talvez já seja tomada como sabida.

Asserção 2: Há a possibilidade de educação bilíngue na escola pública e privada desde que haja recursos e treinamento dos educadores

A maioria das entrevistadas achou que é possível trabalhar educação bilíngue em escolas públicas, mas todas afirmam que só será possível se cumprir certos requisitos.

Foram mencionados como desafios ou dificuldades a serem enfrentados os seguintes pontos: falta de recursos, despreparo dos educadores e material inadequado. Alguns mencionam os projetos do governo como modelo a ser seguido por outras escolas interessadas em se tornar bilíngue.

P1: Trabalhar com educação bilíngue na escola pública é possível a partir do momento que todos os profissionais busquem se qualificar para isso e até mesmo queiram estar inseridos nessa modalidade de ensino.

P3: A princípio, sim. Já há escolas públicas bilíngues no Rio de Janeiro.... Em 2013/ 2014, dei aulas de inglês para um grupo de professores do primeiro segmento do Ensino Fundamental. Eles estavam se preparando para o projeto bilíngue da escola.

P4: Só é possível em uma escola com um projeto bilíngue como as escolas bilíngues que o governo tem inaugurado.

P5: Sim, se houver investimento e capacitação de professores sim. Sei que existe a do Complexo do Alemão e uma outra na Tijuca se não me engano.

P7: Acredito que educação bilíngue é possível em qualquer ambiente, desde que os professores tenham ferramentas e condições de desenvolverem um bom planejamento (ex.: computador e internet em sala, livros na língua alvo, número reduzido de alunos, dentre outros fatores.). Educadores motivados e que dominam a língua podem sim desenvolver esta aprendizagem.

Apenas duas professoras acharam muito difícil ou impossível desenvolver educação bilíngue na rede pública. A primeira delas cita algumas das dificuldades como falta de recursos, falta de interesse em desenvolver trabalhos indisciplinados, e profissionais despreparados. A outra simplesmente afirmou que não acha possível.

Em relação às escolas privadas, quatro professoras acharam que é possível trabalhar com educação bilíngue, mas de novo apontam algumas dificuldades ou desafios. Além disso, em geral, mencionam as mais tradicionais, totalmente voltadas para a elite: como as escolas internacionais.

P1: Um pouco de vivência que tive em educação bilíngue no particular, esbarra no mesmo problema que temos na pública ...falta material humano com todas as qualificações necessárias para fazer parte desse processo.

P6: Possível é. No entanto é bastante difícil, pois a mão de obra qualificada para desenvolver o trabalho dessa maneira é bem escassa. ...Não conheço escolas particulares que consigam desenvolver esse tipo de trabalho. Com exceção das vinculadas a consulados e embaixadas.

Outro ponto interessante é que muitas professoras mencionaram que grande parte das escolas se intitulam bilíngues apenas por uma questão de marketing, mas na realidade, o que fazem é apenas acrescentar mais algumas horas no idioma escolhido. Veja os exemplos abaixo:

P2: Já trabalhei em um projeto que se dizia bilíngue, como muitos no Brasil, mas na verdade era aula de inglês como a regular de cursos,

porém havia dias com aula de matemática e ciências, não tornando ninguém bilingue, apenas ensinando novos vocábulos.

P2: O ensino dito “bilíngue “era apenas um curso de inglês de uma hora diária inserido após o almoço para os alunos que aguardavam o turno integral””.

P4: As escolas particulares têm a intenção de conquistar alunos através da venda de seu produto, com isso, chamam/criam vários modelos de aula de inglês de bilíngue.

P6: O que mais vemos são propagandas enganosas de escolas que oferecem uma educação bilíngue como sendo sinônimo de uma grade curricular que privilegia em número de tempos de aula a língua estrangeira...

Reparem que em todos os casos são escolas que apenas acrescentam algumas horas a mais de estudos de uma segunda língua. Todas estão mais preocupadas com a estratégia de marketing do que com o desenvolvimento língua alvo.

Análise de dados

Por se tratar de um grupo pequeno de sujeitos, não podemos fazer grandes generalizações, temos que reconhecer os limites do estudo, mas esperamos que a pesquisa possa servir de estímulo e base para outros estudos, assim como nos ajudou a entender melhor as concepções de educação bilingue por parte deste grupo de professores.

As entrevistadas têm ideias diversas sobre o que seria educação bilíngue. Não há consenso entre as entrevistadas se a educação bilíngue seria o desenvolvimento de duas línguas ou apenas estudar as disciplinas da escola em uma segunda língua, no segundo caso o desenvolvimento linguístico seria apenas de uma língua. Como se a língua materna já fosse sabida, ou que não fosse enfocada.

No geral, as participantes acreditam que pode haver educação bilíngue tanto em escolas públicas como particulares, desde que se tenha antes de mais nada uma compreensão plena do que seja esse tipo de educação, e a partir daí desenvolva um planejamento baseado neste conceito. É necessário, ainda, que a escola disponibilize os recursos necessários e que os professores estejam treinados e motivados para fazer este tipo de trabalho.

Infelizmente, ainda há muitas escolas que se dizem bilíngues, mas não o são. Apenas houve um aumento no número de horas de estudo da segunda língua.

Considerações Finais

As três autoras pertencem a um grupo de estudos que procura divulgar pesquisas e relatos de experiências não só entre colegas que atuam com neste contexto, mas também com outros professores de idiomas, por meio de discussões em congressos e publicações. Após a defesa das dissertações de duas das pesquisadoras, o grupo de pesquisa já lançou um curso de extensão totalmente voltado para o ensino de idiomas para crianças (*Teaching English to Young Learners*), para graduandos e professores já formados e está ajudando a organizar o I SELEIA – Seminário de Línguas Estrangeiras na Infância e Adolescência. Pensa-se também em desenvolver material que facilite o preparo de atividades para o ensino de línguas para crianças.

No entanto, a principal ação que surge a partir deste estudo é a tentativa de incluir as questões debatidas durante a pesquisa para cursos de graduação e pós-graduação. Não se trata de ensino de idiomas como curso adicional, mas em educação bilíngue. Modelos prontos devem ser evitados, pois é necessário levar em consideração as realidades locais e conhecer melhor as crianças.

Referências

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola, 2008.

CARDOSO, Janaina Silva. Associações de professores e atuais políticas linguísticas para o ensino de línguas adicionais: estratégias e desafios. In GULLO, Annita; RODRIGUES, Luiz Carlos. **Políticas linguísticas e ensino de LE no Brasil** [livro eletrônico]. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017. Disponível em: <sele-ufrj.wixsite.com/sele-ufrj>. Acesso em: 30 maio 2018.

CHAIKA, Elaine. **Language**: the social mirror. Boston: Heinle Cengage, 2008.

KRASHEN, Steven. **Second language acquisition and second language learning**. Hertfordshire: Prentice Hall, 1988.

HAMERS, Josiane; BLANC, Michel. **Bilinguality and Bilingualism**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

MARCELINO, Marcelo; CORTEZ, Ana Paula. **Entrevista Diferenças entre escola bilíngue e escola de idiomas** (08/09/11). 2011. Disponível em: <<http://www.ensinobilingue.com.br/>>. Acesso em: 30 maio 2018.

MEGALE, Antonieta Heyden. Bilinguismo e educação bilíngue: discutindo conceitos. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, Mato Grosso do Sul. v. 3, n. 5, s./p. ago. 2005. Disponível em: <www.revel.inf.br>. Acesso em: 30 maio 2018.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. A língua estrangeira para crianças: um tema no mínimo ambíguo. In: ROCHA, Cláudia Hilsdorf; TONELLI, Juliana Reichert Assunção; SILVA, Kleber Aparecido (Org.). **Língua Estrangeira para crianças: ensino-aprendizagem e formação docente**. Campinas: Pontes Coleção NPLA, 2010.

SILVA, Valéria Rosa da. Os desafios do professor de educação bilíngue infantil: necessidade de uma formação continuada. In: ROCHA, Cláudia Hilsdorf; TONELLI, Juliana Reichert Assunção; SILVA, Kleber Aparecido (Org.). **Língua Estrangeira para crianças: ensino-aprendizagem e formação docente**. Campinas: Pontes Coleção NPLA, 2010.

UNESCO. **Políticas para a primeira infância**. Brasília: Unesco, 2005.

Recebido em: 30/05/2018

Aceito em: 10/06/2018